



**Universidade de Brasília**

**CFORM/ MEC/ SEEDF**

**TURMAS DE CDIS: UM ESTUDO SOBRE O PERCURSO  
ESCOLAR DOS DISCENTES**

**NEURÉLIA DE SOUZA SANTOS**

Brasília, 05 de dezembro de 2015.

**TURMAS DE CDIS: UM ESTUDO SOBRE O PERCURSO  
ESCOLAR DOS DISCENTES**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de especialista ao Curso de Especialização em Letramentos e Práticas Interdisciplinares nos Anos Finais (6º a 9º ano).

Orientadora: Profa. Drª Norma Lúcia Neris de Queiroz

**Brasília, 05 de dezembro de 2015.**

# **TURMAS DE CDIS: UM ESTUDO SOBRE O PERCURSO ESCOLAR DOS DISCENTES**

**NEURÉLIA DE SOUZA SANTOS**

Monografia aprovada em 05 de dezembro de 2015.

Banca examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dra. Norma Lúcia Neris de Queiroz(orientador/a)

Prof. Elias Batista dos Santos (1<sup>o</sup> membro)

Prof<sup>a</sup> Adínia Santana Ferreira (2<sup>o</sup> membro)

## **Lista de Abreviaturas**

CDIS – Correção Distorção idade/série.

OP - Orientações Pedagógicas.

SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

CREC – Coordenação Regional de Ensino de Ceilândia.

PDE – Plano Distrital de Educação.

SUBEB – Subsecretaria de Educação Básica

PPP – Projeto Político Pedagógico.

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

UPA – Unidade de Pronto Atendimento.

HRC – Hospital Regional de Ceilândia.

CEF – Centro de Ensino Fundamental.

*Ninguém ignora tudo. Ninguém  
sabe tudo. Todos nós sabemos alguma  
coisa. Todos nós ignoramos alguma  
coisa.*

**Paulo Freire (1981).**

*Aos grandes Educadores, que nos impulsionam a ser  
melhores a cada dia na grande tarefa de reinventar a  
Educação e o fazer pedagógico diário com alma, suor,  
lágrimas, coração...*

**Neurélia de Souza (2015).**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus do impossível, por permitir-me viver este momento ímpar.

À Universidade de Brasília, que me propiciou a oportunidade de cursar e concretizar mais uma etapa educativa.

À querida orientadora professora Dr<sup>a</sup> Norma Lúcia, pela paciência e carinho.

Aos coordenadores e a tutora professora Márcia Regina, que com muita competência e carinho, acompanhou-me ao longo do curso.

Ao meu Amado marido Adilton Soares, pelo companheirismo, amor, compreensão e incentivo constantes à concretização destes estudos.

Aos filhos queridos: Augusto, Igor e Hugo, que sempre resgatam meus trabalhos perdidos com apenas um clic, geração Y, minha gratidão!

Aos estimados alunos das turmas de CDIS que participaram desta pesquisa.

A todos os professores que elaboraram os módulos com muito zelo. Contribuindo com o crescimento da minha aprendizagem.

A todos os profissionais do CEF 18, que direto ou indiretamente deram suas contribuições para realização da pesquisa.

Às minhas amigas Adriana Levino, Gina Vieira e Mary Luce, cujo carinho e atenção, encorajaram-me nos dias de dificuldades e desânimo.

A todos aqueles que direta e indiretamente, auxiliaram-me com seu apoio, torcida, orações, palavras de incentivo, meu reconhecimento.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1. Contexto da Pesquisa.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 Participantes do Estudo.....</b>	<b>20</b>
<b>2.3 Procedimentos de Construção de dados.....</b>	<b>24</b>
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>33</b>
<b>3.1. Compreendendo e identificando-se com a história de Maycon.....</b>	<b>33</b>
<b>3.2. Significado da escola na vida deles.....</b>	<b>35</b>
<b>3.3. A distorção idade/serie a culpa é minha.....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>SITES CONSULTADOS.....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE “A” .....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE “B” .....</b>	<b>47</b>



SANTOS, Neurélia de Souza. **Turmas de CDIS: Um estudo sobre o percurso escolar dos discentes.** Brasília 2015. Trabalho de conclusão de Pós-graduação, 44 p. – Letramentos e Práticas Interdisciplinares dos Anos Finais (6° a 9° ano), Universidade de Brasília, 05 de dezembro de 2015.

## RESUMO

O fracasso escolar ainda está muito presente entre os alunos dos anos finais do ensino fundamental no Distrito Federal, gerando o fenômeno distorção idade/série. Este trabalho tem como objetivo: analisar o percurso escolar e de vida dos discentes, destacando os fatores, que na visão dos próprios estudantes contribuíram para a reprovação e a distorção idade/série no Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia - DF. Elegemos como objetivos específicos: descrever o projeto de Correção de Distorção Idade/Série adotado pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, investigar o contexto socioeconômico dos discentes participantes deste estudo, identificar o valor que os alunos participantes deste estudo atribuem à escola, ao ensino e à aprendizagem; identificar as expectativas dos alunos em relação à sua formação escolar e sua profissionalização, averiguar se as práticas pedagógicas da escola são compatíveis com as orientações pedagógicas para CDIS, apresentar alternativas de intervenção junto aos alunos das turmas de CDIS. Para a sustentação teórica, os estudos de Libâneo (1997), Nóvoa (2000), Dayrell (2004), Luckesi (1992), Orientações Pedagógicas (2012) entre outros, foram imprescindíveis. Optamos pela pesquisa qualitativa com a abordagem estudo de caso com os instrumentos: entrevista com grupo focal e semi estruturada com os discentes. Os resultados evidenciaram que: a) o contexto socioeconômico dos discentes participantes deste estudo de 04 a 06 salários mínimos, entretanto, as famílias são numerosas e inclui membros de mais idade (bisavô, avós, tios, primos, pais e irmãos) e apenas os pais quando estão casados ou a mãe; b) a escola pode possibilitar a sua transformação e mudança de vida; a expectativa dos discentes, em relação à sua formação escolar e sua profissionalização está relacionada ao futuro para ter independência financeira da família, ter sucesso como pessoa, ter condições financeiras; c) as práticas pedagógicas da escola são em sua maioria tradicionais, incompatíveis com as orientações pedagógicas para discentes integrados em turmas de CDIS. Conclui-se que os professores apresentam dificuldades em seguir as orientações pedagógicas, adotando uma prática pedagógica com atividades tradicionais que longe de alcançar os objetivos dos discentes. Ao longo dos anos, os discentes vêm acumulando fracassos escolares, mas ao mesmo tempo não apontam como culpados nem os atores, famílias, escola e/ou seus professores. Ao contrário, eles assumem a responsabilidade por seu fracasso escolar e pessoal.

**Palavras- chave:** Correção/Distorção Idade Série (CDIS). Percurso escolar. Anos Finais do Ensino Fundamental

## INTRODUÇÃO

A Correção Distorção Idade/Série (CDIS) é uma proposta da Secretaria de Educação do Distrito Federal, para reduzir os índices de defasagem dos estudantes que não venceram as etapas da aprendizagem predeterminadas pelo currículo da rede regular de ensino. De acordo com registros da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, em seu documento mais recente, Orientações Pedagógicas para a Correção Distorção Idade/Série, (OP) de 2012, havia em 2011, 62.287 alunos do ensino fundamental que se encontravam em defasagem idade/série na rede de ensino público do Distrito Federal. Destes, 39.728 alunos inseridos no ensino fundamental séries finais. Essa proposta da secretaria de educação foi uma alternativa encontrada para transformar a realidade dos alunos, e recuperar a função social da escola pública.

Esse cenário de distorção idade/série está muito relacionado à alta incidência de reprovações, repetências, abandonos e evasões. O abandono é quando o aluno deixa de frequentar a escola no meio do processo. A evasão é quando o aluno sendo aprovado, ou não, não se matricula no ano subsequente. De acordo com o PDE, Plano Distrital de Educação (2015-2024, p.21), *faz-se necessário rever as políticas pedagógicas e de abordagem do problema no DF, rompendo a estrutura seriada de organização escolar*. Por isso a proposta da CDIS, visa à formação integral dos estudantes, com avaliação formativa, superando a meritocracia

Os prejuízos causados pela reprovação já são conhecidos. Em casos de alunos de comunidades periféricas eles são piores ainda, porque retardam a entrada dos jovens no mundo do trabalho formal, reduzem as perspectivas de vida e, muitas vezes coopera para que eles sejam atraídos para o subemprego ou para situações de risco social como: a criminalidade e o consumo de drogas. Segundo Dayrell (2003, p. 43) *o pleno desenvolvimento ou não das potencialidades que caracterizam o ser humano vai depender da qualidade das relações sociais desse meio no qual se insere*. Por isso, é necessário recuperar o tempo que esses alunos perderam em sua trajetória acadêmica. Desenvolver

neles a consciência da necessidade de mudança na vida escolar e a busca de um desenvolvimento global.

Este estudo justifica-se na perspectiva de acompanhar estes alunos com um trabalho diferenciado, que efetivamente produza resultados satisfatórios para a sociedade como um todo. Desde 2014, tenho atuado em turmas de CDIS, em uma comunidade na periferia de Ceilândia – DF. E por acreditar em um futuro melhor e que não há vida sem correção, sem retificação (Freire). Percebi a importância de estudar as especificidades desse grupo para melhor atendê-lo. Nesse sentido, um dos pontos essenciais para investigar foi o percurso de vida e escolar desses alunos para compreender como a situação de distorção idade/série foi produzida.

Para isso, entendi que fosse importante ouvir os alunos, para compreender que sentidos eles atribuíam à escola e o que buscavam nela. Também fez-se necessário, conhecer mais detalhadamente o projeto da CDIS e como ele estava sendo desenvolvido na unidade de ensino. Que de acordo com os estudos de Prestes (2010, p.269) *na escola, lidamos com dois processos diferentes – o de desenvolvimento e o de instrução. Tudo está na relação entre esses dois processos.* A partir desse entendimento se pode obter informações e parâmetros que tornem possível construir intervenções necessárias para que esses alunos cessem a história de repetidos fracassos escolares e possam viver experiências de êxito na escola e na vida.

Neste estudo optei pela abordagem de pesquisa qualitativa, a partir do estudo de documentos oficiais e investigação de material bibliográfico e textos de diversos autores, tendo como referencial uma escola pública contemplada com turmas de CDIS, visando oferecer alternativas de intervenção junto ao problema. Como se chegou ao atual quadro de distorção idade/série na escola pesquisada?

A relevância desse estudo se dá pela necessidade de encontrar meios que proporcione aos alunos condições de acelerar os seus estudos, não apenas no avanço de série, mas que isso aconteça com aprendizagem significativa, em suas práticas sociais.

## **Objetivo Geral**

Analisar o percurso escolar e de vida dos discentes, destacando os fatores, que na visão dos próprios estudantes contribuíram para a reprovação e a distorção idade/série no Centro de Ensino Fundamental 18 de Ceilândia - DF.

## **Objetivos Específicos:**

- Descrever o projeto de Correção de Distorção Idade/ Série adotado pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal;
- Investigar o contexto socioeconômico dos alunos participantes deste estudo.
- Identificar o valor que os alunos participantes deste estudo atribuem à escola, ao ensino e à aprendizagem.
- Identificar as expectativas dos alunos em relação à sua formação escolar e sua profissionalização.
- Averiguar se as práticas pedagógicas da escola são compatíveis com as orientações pedagógicas para CDIS.
- Apresentar alternativas de intervenção junto aos alunos das turmas de CDIS.

# CAPÍTULO I

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo apresenta os principais aportes teóricos em que a pesquisa está ancorada. As Orientações Pedagógicas<sup>1</sup>, para a correção da distorção idade/série da rede pública de ensino do Distrito Federal é o documento mais recente da Secretaria de Educação (SEEDF), tendo como objetivo dar subsídios e normas para auxiliar as escolas em suas ações pedagógicas, com vista a atender as especificidades dos discentes.

Essas Orientações Pedagógicas foram construídas pelos representantes da Subsecretaria de Educação Básica (SUBEB) e a Coordenação de Ensino Fundamental e Ensino Médio, vinculada as Coordenações Regionais de Ensino, bem como os professores, coordenadores locais e intermediários das unidades escolares que ofereciam turmas de correção distorção idade/série. *Essa construção aconteceu durante os encontros do fórum permanente, criado nesse mesmo ano, atendendo a um encaminhamento da Conferência de Educação, realizada no ano de 2010.* (O.P página 7). Este documento teve o intuito de facilitar as ações docentes, criando condições para que os alunos fossem acelerados superando a defasagem idade/série. Ainda segundo as O.P (2012),

A distorção idade/série é consequência de uma antiga cultura da educação brasileira que, baseada na meritocracia, tem naturalizado a retenção dos estudantes em uma determinada série. Quando os estudantes não alcançam os objetivos ou não demonstram as expectativas de aprendizagem predeterminadas pelas propostas curriculares, são obrigados a repetir, no ano seguinte, tudo o que foi visto em uma determinada série, ignorando o seu desenvolvimento global e as aprendizagens construídas por eles (p.8).

Há uma preocupação em sanar problemas, como a dificuldade de aprendizagem dos discentes e as dificuldades didático-pedagógicas dos docentes que atuam em turmas com essas especificidades. Propiciando um trabalho coletivo, dentro da unidade escolar e com a família. De acordo com as OP (2012):

---

<sup>1</sup>Neste estudo, todas as vezes que nos referirmos à expressão Orientações Pedagógicas, nosso enfoque ampara-se no documento que norteia o trabalho de correção distorção idade/série na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

A coordenação pedagógica realizada nas Unidades Escolares deve privilegiar o planejamento coletivo entre os professores de diversas áreas do conhecimento, oportunizando a troca de experiências, o enriquecimento das idéias, a criatividade e olhares diferentes para a realidade da Unidade Escolar. As coordenações pedagógicas, nessa perspectiva, permitem o planejar como ato coletivo, interativo, com a articulação e o envolvimento dos profissionais por um objetivo comum: a aprendizagem. (p.19)

A SEEDF ao criar o programa de CDIS almeja reduzir a defasagem para que não seja necessária a correção da distorção idade/série em programas específicos, para que reduza também a evasão escolar, que na maioria das vezes ocorre pelas reprovações, que aumenta nas séries finais do ensino fundamental. Para isso as OP, (2012), apontam que:

É fundamental a implementação de estratégias metodológicas que possibilitem o desenvolvimento de aprendizagens significativas e que incorporem a construção da autonomia dos estudantes. A pedagogia de projetos apresenta-se como uma das possibilidades metodológicas interessantes para orientar a prática docente (p. 10).

Por isso, espera-se que o programa de correção distorção idade/série não seja apenas para acelerar os alunos, cumprindo a LDB 9394/96, artigo 24, inciso V, alínea b, que coloca *possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar*. Que seja entendido como uma ação pedagógica que vai além da recuperação do tempo perdido. Visa a um resgate da função social da escola pública, na formação integral nas múltiplas dimensões dos discentes.

A SEEDF propõe um novo olhar, uma nova concepção de aprendizagem aos discentes que não atingiram os objetivos propostos no ensino regular, de acordo com o Currículo em movimento ( 2014).

Dentro do contexto da Educação Básica, os Anos Finais do Ensino Fundamental constituem uma fase que requer atenção especial por parte do poder público e de todos os agentes que nela atuam, no sentido de iniciativas e ações que reconheçam suas especificidades e que busquem alternativas para suas problemáticas. Como fase intermediária, protagoniza ruptura na

lógica organizacional em relação a sua fase anterior, o que exige um olhar diferente para a comunidade escolar e seus estudantes, que agora estão submetidos a uma organização que contempla uma quantidade maior de docentes e de componentes curriculares (p.15).

Muitos alunos se perdem na dinâmica organizacional das séries finais, e não conseguem acompanhar os professores. Porque geralmente não têm um acompanhamento em casa que os ajude nessa nova fase, que exige outra postura do aluno. Nessa fase, ele deixa a infância para assumir a identidade de adolescente. Isso na maioria das vezes é o que causa as sucessivas reprovações. E eles se tornam alvo dos preconceitos ou discriminações na escola e na sociedade. Em consonância com Nóvoa (2000), a identidade,

(...) não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. E nessas circunstâncias essas mudanças causam uma turbulência na vida deles (p.16).

Tendo em vista essas dificuldades encontradas nessa nova fase, é necessário um atendimento individualizado para esses alunos na escola, que reconheça, respeite, promova e preserve a diversidade humana e cultural. Ajudando aos discentes a superar essas dificuldades. Para isso, a organização do trabalho pedagógico *pressupõe um caráter diferenciado na organização espaço/tempo escolar* OP (P.18), privilegiando a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade elaboradas a partir da realidade vivenciada pela escola e sua comunidade.

Historicamente, as disciplinas foram organizadas e instituídas por áreas do conhecimento científico para facilitar o trabalho dos professores e das instituições de ensino. Em conformidade com Alves (2013), até o início do século XX, o ensino era baseado em alguns princípios, tais como:

**Ordem** - regia a natureza e o mundo;

**Separação** - formulação de Descartes, que levou ao princípio da especialização, influenciando a organização das disciplinas.

**Redução** - segundo o qual o conhecimento das unidades elementares permite conhecer os conjuntos dos quais elas são os componentes;

**Validade absoluta da lógica clássica** - em cuja visão reinava o princípio da causalidade linear (p. 109)

Com o decorrer do tempo, houve a necessidade de um trabalho interdisciplinar que facilite o conhecimento globalizado, e contextualizado, ampliando a visão de mundo e proporcionando uma formação integral dos discentes. Esta necessidade se dá também em um trabalho voltado para a tecnologia, porque a tecnologia está cada vez mais presente na vida de todas as pessoas. E o trabalho com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) é imprescindível para estabelecer uma interação entre aluno e escola. Para as OP (2012, p 17), *o trabalho com estudantes da correção da distorção idade/série deve contemplar o acesso e a utilização de Tecnologias da Informação*. As tecnologias são ferramentas importantes para promover a ação pedagógica, que facilita a relação professor/aluno e torna a escola mais atrativa.

Não é fácil implementar um trabalho interdisciplinar, com uso das tecnologias, porque na realidade das nossas escolas, nem sempre podemos contar com um laboratório de informática bem equipados que funcione com qualidade. Além disso, ainda precisamos de um trabalho de convencimento e preparação dos colegas, pois muitos resistem ao trabalho coletivo. Como escreve Alves (2013 p. 108) *essa ação demanda uma busca constante, que implica em um movimento de invenção e reinvenção, a partir da reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer*. Inventar e reinventar muitas vezes retira o professor de sua zona de conforto. O trabalho coletivo exige estudo, pesquisa e que o professor interaja tanto com os conteúdos, quanto com os colegas em uma proposta mediadora. Em consonância com os estudos de Veiga (2001):

Para modificar sua própria realidade cultural, a instituição educativa deverá apostar em novos valores. Em vez da padronização, propor a singularidade; em vez de dependência, construir a autonomia; em vez de isolamento e individualismo, o coletivo e a participação; em vez da privacidade do trabalho pedagógico, propor que seja público; em vez de autoritarismo, a gestão democrática; em vez de cristalizar o instituído, inová-lo; em vez de qualidade total, investir na qualidade para todos (p. 67).



As possibilidades metodológicas e estratégicas para essas turmas exigem um trabalho articulado com os professores e coordenadores das turmas, e com as OP (2012) que propõem reagrupamentos interclasse e intraclasse. O reagrupamento interclasse acontece entre duas ou mais turmas de acordo com as dificuldades dos alunos no mesmo turno. E o intraclasse também se dá pelas dificuldades dos alunos, mas dentro da mesma sala. Ainda as OP (2012) coloca como estratégias acompanhamento pedagógico individual e avaliação que privilegiam as suas capacidades e possibilidades de aprendizagem, deixando de lado a avaliação classificatória e excludente.

O trabalho integrado entre a orientação educacional, coordenação e supervisão pedagógica é preponderante nas ações com essas turmas, para isso as OP (2012) sugere:

Um acompanhamento mais próximo ao estudante, com um suporte motivacional e de projeção para o futuro; e, ao professor, a idéia de contribuir no planejamento e desenvolvimento de projetos interventivos e também de âmbito preventivo (p.31).

No intuito de atender as demandas e dificuldades dos discentes, a participação dos profissionais de apoio (orientador coordenador e supervisor) se faz extremamente importante para auxiliar os professores nas questões pertinentes ao desenvolvimento global do aluno. Uma vez que o professor nem sempre está preparado para trabalhar questões emocionais, psíquicas e sociais dentro da sala de aula. Sem identificar estes problemas, a relação de ensino-aprendizagem fica comprometida, e podem ser imperceptível às possíveis adversidades enfrentadas por eles no dia a dia.

## CAPÍTULO II

### METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia adotada para a pesquisa foi qualitativa, ou seja, ela pode ser compreendida como uma abordagem de interpretação dos dados, entretanto, não pretende enumerar ou medir os resultados. Em consonância com os estudos de Ludke e André (1996):

São cinco as características básicas da pesquisa qualitativa, chamada, às vezes, também de naturalística: a) A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (p.44).

A abordagem da pesquisa qualitativa traz essas importantes características conforme Lüdke e André (1986), considerando que elas ajudam o pesquisador compreender o objeto de estudo, em especial, a postura que o pesquisador tem de assumir diante da ação de pesquisar e dá uma noção mais significativa do objeto pesquisado.

Neste trabalho selecionei os seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas e o grupo focal com os discentes, e análise documental: histórico escolar dos alunos, e o Projeto Político Pedagógico do CEF 18 e as Orientações Pedagógicas para Correção Distorção idade/serie de 2012.

Como parte da coleta de dados foi realizada uma entrevista semiestruturada. Que de acordo com Marconi e Lakatos (1988, p.174) é *aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido*. Esta é utilizada para coletar dados que facilitam o alcance das informações buscadas pelo pesquisador. E o grupo focal, segundo Ressel (2008 p.780) é um grupo *de discussão que dialoga sobre um tema em particular ao receberem estímulo apropriado para o debate*. E a análise documental de acordo com Ludke e

André (1986) é um recurso que possibilita a obtenção de dados baseados em documentos oficiais que fundamentam as indicações e declarações do pesquisador.

A partir da análise documental elaboramos o contexto de pesquisa da escola pesquisada, que é pública, foi construída e é mantida pelo Governo do Distrito Federal.

## 2.1. Contexto de pesquisa

A pesquisa foi realizada no Centro de Ensino Fundamental 18, situada em uma comunidade periférica da cidade de Ceilândia- DF que conta com outras escolas nas proximidades, as ruas são pavimentadas, há transporte urbano, comércio local de diferentes segmentos, como: supermercados, concessionárias de veículos, materiais para construção civil, feira permanente, padarias, hospital particular, clínicas particulares, farmácias, igrejas de diferentes religiões.

Não existem indústrias; a maioria das pessoas sai para trabalhar em outras regiões administrativas do Distrito Federal. Não há teatro, cinema, *shopping* e unidades de saúde pública. Os moradores buscam atendimento na UPA na Ceilândia–norte ou no Hospital Regional de Ceilândia, que na maioria das vezes não tem médicos. Portanto, o atendimento à saúde é precário e a comunidade sofre muito sem resposta a esta demanda. Vista aérea do CEF 18 e das ruas do P. Sul.



Fonte: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/2015>

Baseado nas informações contidas no P.P.P da escola e em questionário socioeconômico aplicado pela pesquisadora. Entende-se que os alunos são de baixa renda e o nível sociocultural baixo. Os filhos ficam muito tempo sozinhos, enquanto os adultos estão trabalhando. O que facilita o envolvimento de muitos alunos, com práticas ilícitas que acontecem na comunidade e nas proximidades da escola. Como envolvimento com drogas, furtos, gangs e brigas.












Está se tornando corriqueiras as informações que escolas da periferia das grandes cidades, não apenas a escola em que a pesquisa foi realizada, enfrentam problemas com a violência, e com as drogas, o que conseqüentemente traz muitos casos de repetência e evasão dos alunos do ensino fundamental séries finais. O medo da violência pode ser motivo para muitos gestores e professores terem posturas neutras e aparentemente descomprometidas com a escola. Essa difícil realidade é realmente um fator que mexe com a estrutura da comunidade, e com todo corpo docente da escola, que está inserida neste contexto.

## **2.2. Participantes da Pesquisa**

Os participantes desta pesquisa foram alunos de três turmas de CDIS que se dispuseram a participarem voluntariamente da pesquisa e ainda fazem parte das classes que a pesquisadora atua também como professora. Os nomes dos alunos participantes são fictícios para preservar sua identidade. Os nomes fictícios foram escolhidos por eles mesmos: Melody, Gabriel, Valentina, Joselito, João, Darwin, Rebeca, Ronald, Dylan, Belena e Kauan. Ao questionar, o porquê dos nomes escolhidos, alguns disseram que eram nomes que tinham afinidades, sem influências específicas. E outros disseram que eram nomes de ídolos da música ou personagens de filmes. Eles ficaram bem à vontade e tiveram bastante tempo para escolherem esse nome.

Os pais e/ou responsáveis pelos alunos participantes da pesquisa, assinaram um termo de autorização para que eles contribuíssem com as informações necessárias à pesquisa. O quadro 1 abaixo nos mostra dados do tipo de moradia, da composição familiar, da renda e das profissões das famílias dos alunos participantes da pesquisa.

**Quadro 1 – Participantes, tipo de moradias, composição, renda e profissões das famílias**

<b>Participantes da pesquisa</b>	<b>Tipo de moradia</b>	<b>Composição familiar</b>	<b>Renda familiar em salários mínimos</b>	<b>Profissões dos responsáveis</b>
Melody 	Próprio	Avós	6,3	Pedreiro
Valentina 	Própria	Pais	8	Policial militar
Darwin 	Própria	Avós e tias	3	Aposentados
Ronald 	Alugada	Avó, pai e tio	10	Funcionária Pública
Dylan 	Própria	Bisavó, Avó, Mãe, tia, primas e irmãos	7,6	Funcionária Pública
Rebeca 	Própria	Pais e 1 irmã	3,8	Vigilante e encarregado de serviços gerais
Joselito 	Própria	Pais e 2 irmãos	12	Técnica em enfermagem
João 	Alugada	Pai e mãe e 5 irmãos	3	Cobrador de ônibus
Belena 	Própria	Avó e 2 tias	6,3	Pensionista e consultora de vendas
Gabriel 	Própria	Mãe, padrasto, 4 irmãos e 1 tia	3	Mecânico
Kauan 	Própria	Pais	3	Pai- Jardineiro Mãe- Copeira

Fonte: Entrevista semiestruturada da pesquisadora com os discentes (2015).

De acordo com a entrevista semiestruturada com os alunos podemos inferir que nove famílias residem em casa própria e dois são membros integrantes de famílias com renda per capita média de até cinco salários mínimos, sendo cinco famílias com renda de três salários mínimos, quatro recebem entre seis e oito salários e dois entre dez e doze salários. Essa renda se torna baixa, considerando o número de pessoas que dependem desses salários.

Oito alunos vivem com os pais, três vivem com avós e tias, dentre os que vivem com os pais, dois alunos apresentam uma composição familiar mais

extensa, por exemplo, tios, primos, padrasto, bisavó. As profissões dos pais são diversificadas entre pedreiro, auxiliar de enfermagem, serviços gerais, vigilante, copeira, jardineiro, policial, funcionários públicos, pensionistas, consultora de vendas de produtos de beleza e mecânico. A partir do quadro, podemos inferir que nove famílias residem em casa própria e dois em casas alugadas, na comunidade Sol Nascente, próximo ao setor onde está localizada a escola, esta comunidade é uma “ocupação”, que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é a maior favela da América Latina, considerada pelas condições precárias em que vivem as famílias e não pelo seu poder aquisitivo. É constatada a falta saneamento básico, infraestrutura, educação e saúde, conforme fotos à abaixo:










Foto: Priscilla Borges, iG Brasília (2015).







Fonte: Site Brasília de todos nós (2015).

Os alunos estão na faixa etária entre quatorze e dezesseis anos, por isso nenhum deles trabalha, e nem contribui com as despesas da casa. Todos começaram a estudar com idade de dois a cinco anos de idade. Levando em consideração os alunos que começaram em escolas e creches, quando ainda não viviam nesta comunidade. O que demonstra que começaram dentro da faixa etária. E a causa de estarem em defasagem idade/série, são exatamente pelo número de reprovações nas séries finais, como eles mesmos declararam. A maioria afirma não ter reprovado nos anos iniciais. E os que reprovaram, foi uma ou duas vezes, o que não justificaria tal defasagem. Observemos o quadro 2 abaixo:

**Quadro 2 – Discentes, idade, número de reprovações nos anos iniciais e finais**

<b>Alunos participantes da pesquisa</b>	<b>Idade que iniciou estudar</b>	<b>Número de reprovações nas séries iniciais</b>	<b>Número de reprovações nas séries finais até o ano de 2014</b>
Melody 	6	Não	2
Valentina 	3	1	4
Darwin 	Não sabe	2	3
Ronald 	7	Não	3
Dylan 	2	Não	3
Rebeca 	4	1	3
Joselito 	4	Não	3

João 	5	Não	3
Belena 	4	Não	3
Gabriel 	4	1	3
Kauan 	3	Não	3

Fonte: Grupo focal e entrevista semiestruturada dos alunos e a pesquisadora (2015)

### 2.3. Procedimentos de construção dos dados

Na construção dos dados iniciei pela realização do grupo focal, em seguida entrevista semiestruturada, paralelamente a esses dois procedimentos, fui consultando o projeto político pedagógico da escola e o histórico escolar dos alunos.

#### Grupo focal

O grupo focal foi planejado com o objetivo de conhecer melhor os alunos e o seu contexto socioeconômico; quais as expectativas que deles em relação à escola; o valor que eles atribuíam a educação, e compreender o percurso escolar. Para possibilitar um melhor debate com os alunos selecionei o filme 5X favela, agora por nós mesmos, primeiro episódio, *Fonte de Renda (2009)*. Dirigido por jovens cineastas das favelas do Rio de Janeiro. Recebe o nome 5X (vezes) favela porque é composto por cinco episódios.

Dia 27 de abril do corrente ano, aconteceu o encontro do grupo focal, formado por onze alunos convidados das turmas CDIS. Realizou-se com autorização da direção da escola, e dos pais dos alunos, na sala de recursos do CEF 18, no setor P. Sul da cidade Ceilândia – DF.

Marcamos um encontro às 14 horas, turno inverso às aulas dos alunos, na escola. Tivemos o apoio da professora da sala de recursos, que nos cedeu uma parte da sala de recursos e do monitor dos alunos com necessidades especiais, que montou os equipamentos para assistirmos ao filme. Esse filme narra a história de Maycon, um rapaz pobre que mora na favela no Rio de Janeiro. Ele foi aprovado no vestibular, e a família ficou muito feliz, mas



enfrentaram muitas dificuldades para o Maycon estudar. Mesmo ele trabalhando em uma pequena padaria, o ganho não era suficiente para as despesas, com passagem, apostilas, livros, alimentação e outros gastos.

Por saber que Maycon mora na favela, um colega pediu para que ele levasse droga para ele na faculdade. No primeiro momento ele recusou, mas quando se viu sem condições de ir à faculdade porque não tinha o dinheiro da passagem, Maycon não resistiu à tentação, e começou a levar drogas para o colega. Quando ele conseguiu um estágio, decidiu que não levaria mais a droga para o colega. Mas o colega queria mais, e como ele ficara grato ao colega por ter indicado ele para o estágio no escritório da família. Maycon disse que traria pela última vez e que seria de presente para ele não pedir mais.

Ao sair de casa, para ir à faculdade levando drogas para os colegas, Maycon depara com a polícia fazendo uma operação antidrogas. Ele muito assustado volta e guarda a droga em casa. O irmão pequeno mexendo nas coisas encontra a droga e “comeu” cocaína. Assim que ele chega à faculdade, recebe um telefonema, vai até o hospital, encontra todos apreensivos com o estado da criança, o médico ameaça de denunciá-lo, e o padrinho dele dá uma surra nele, ali mesmo. O menino se recuperou e a partir desse episódio Maycon realmente deixa de se envolver com o tráfico de drogas.

Mesmo diante de tantas dificuldades ele conseguiu se formar advogado. Arranjou um emprego no escritório da família do amigo. A grande realização do sonho de ter uma profissão, que até então seria quase impossível aos negros e moradores de favelas, trouxe muitas alegrias, e fez sua família se sentir muito honrada.

### **O encontro do grupo focal**

Levei neste encontro, refrigerantes, pipoca e bolo para lancharmos e criarmos um clima descontraído e agradável. Após assistirmos ao filme e lancharmos, começamos a nossa discussão com base no roteiro com vinte perguntas abertas (apêndice A) anexado, ao final deste trabalho. Todos os alunos se sentiam muito à vontade para a realização dessa atividade, pois

estavam em um ambiente propício com a professora e colegas que já se conhecem há muito tempo.

Iniciando o trabalho perguntei ao grupo o que eles acharam da história do Maycon?

Belena respondeu: *a gente deve esforçar, vencer barreiras para chegar onde a gente quer. Vencer as outras coisas.*

Kauan respondeu: *que só porque Maycon mora na favela, os colegas acham que ele vende droga.*

Melody disse: *pode acontecer com todo mundo ou já aconteceu, não sei, ninguém sabe das dificuldades de cada um. Bom, na maioria das vezes a gente não tem nem a passagem, às vezes nem o que comer e a gente acaba fazendo coisas para ter aquilo. Coisas erradas, por exemplo, igual ele fez, ele vendeu droga para conseguir aquilo. Foi o que eu entendi mais ou menos.*

Perguntei o que eles acharam do esforço que o Maycon fez para estudar?

Melody disse: *Eu acho que foi uma boa coisa, porque tem pessoas que quando entra nisso, acaba não saindo mais, acaba achando bom essa vida, que é só você pegar, você vender. Você ganha dinheiro fácil. Eu achei muito boa a atitude de não ter se envolvido mais, se aprofundado mais, nessas coisas, ter saído enquanto era tempo.*

Joselito acha que: *porque ele devia ter trabalhado honestamente para conseguir aquele dinheiro pra poder..., porque ele não tinha dinheiro para ir a faculdade ele deveria ter ficado em casa. Melhor que ficar vendendo droga. Tudo bem que vai ajudar o futuro dele mais é errado vender droga para estudar.*

E o que eles acharam das coisas erradas que ele fez para continuar estudando?

Melody que é muito comunicativa diz: *Ele poderia ter pedido ao padrinho dele, eu acho melhor a pessoa pedir do que ela roubar ou ele vender as coisas de casa ou vender droga.*

O que eles mais gostam na escola?

Valentina disse: *nada*

Melody: *de pé de moça<sup>2</sup>.*

Belena: *eu gosto da aula de matemática e educação física*

Valentina mais uma vez: *da bagunça*

Melody: *português e matemática*

João: *português*

Eu disse que não era das disciplinas e nem dos professores, mas da escola em geral.

Todos disseram que *gostam dos amigos e das atividades.*

O Joselito explicou quais atividades: *que são as atividades de sexta feira, que está tendo agora (são atividades interdisciplinares)*

Melody disse: *Podia ser igual eu falei para a senhora professora, fazer tipo um evento na escola onde todo mundo possa se conhecer, saber mais, tipo aquelas coisas mais unida.*

Belena: *poder trabalhar mais em grupo.*

O que eles menos gostam na escola?

Todos: *agora não sobe mais aula.*

Gabriell: *de ir para a direção.*

Eu perguntei: e porque os alunos vão para a direção?

Melody: *Consequências dos próprios atos.*

---

<sup>2</sup> Pé de moça: Doce de amendoim com leite condensado, parecido com pé de moleque.

Joselito: *pratica bullying. Com quem em?*

Belena: *tem alunos que vão para a direção professora, porque não tem maturidade suficiente de assumir com seus atos. Porque tem muitas pessoas que faz coisas erradas e não assume o que fez. Prejudica a turma toda né? Já tem outros que fala que fez, é advertido, a direção dá advertência, mais é para informar os pais, para fazer com que o filho dele, tipo, não sei como posso falar, informar os pais o que tá acontecendo.*

Melody: *a professora de matemática não deixa chupar chiclete.*

Belena: *Nem deixa a gente ouvir música.*

João: *não gosto de mapeamento.*

Belena: *é porque tem muitas vezes que eles bota a gente na frente ou atrás, tem algumas pessoas que ficam lá atrás não gostam, tem muitas pessoas que sentam na frente que não gosta. Então eu acho que o aluno poderia escolher seu próprio lugar.*

Dylan: *e também tem pessoas que tem dificuldades de enxergar, e o professor não olha o lado dele, de colocar ele na frente, mais próximo do quadro.*

O que eles acham que geraram as reprovações que tiveram? Quantos anos reprovaram na mesma série?

Kauan: *3 anos. Faltava muito, ficava conversando, não fazia nada.*

Eu perguntei, porque você faltava muito?

Kauan: *Preguiça.*

E sua família, ninguém falava nada?

Kauan: *ficou calado.*

Eles não interferiam?

Kauan: *ficou calado*

Você mora com seus pais?

Kauan: *Moro*

Você vinha no dia que você quisesse?

Kauan: *era*

Belena: *3 vezes.*

Você acha que essas reprovações foram por quê?

*Belena: foi falta de atenção mesmo, falta de esforço. Não esforçava, faltava, preguiça de vir para a escola, não gostava. Tinha vezes que eu ficava assim, ruim, porque acontecia alguma coisa assim em casa, eu pegava e não ia, ficava o dia todo no meu quarto. Como minha vó fala né, todas as pessoas que tem tudo o que quer não dá valor. Então eu tinha tudo o que sempre queria e assim, não dava valor. Porque para minha mãe a minha obrigação era só vim para a escola mesmo. E a preguiça não deixava.*

E agora que você já reprovou esse tanto, e está tendo uma oportunidade na CDIS para avançar. O que você acha dessa oportunidade?

*Belena: pra mim eu acho bom, que agora eu tô querendo me dedicar mais, me esforçar para poder passar.*

João: *3 vezes*

O que você acha que gerou essas reprovações?

*João: desinteresse, não queria estudar mesmo, porque não tinha pensado o que ia gerar no futuro essas coisas aí, depois eu comecei a pensar, não fazia atividades em casa.*

Dylan: *3 vezes. Falta, preguiça, desinteresse.*

E a família?

Dylan: *conversava comigo, falava as coisas, mas não ouvia.*

E agora?

Dylan: *estou disposto a mudar né? Estudar, passar de série, consegui meu emprego.*

Darwin: *3 vezes. Falta, falta de interesse, preguiça.*

E a família?

Darwin: *falava. Eu não ouvia, agora eu vou mudar.*

Ronald: *3 vezes. Falta. Falta de interesse e preguiça.*

Gabriel: *a mesma coisa de Ronald.*

Joselito: *3 vezes. Porque eu não gostava de estudar, e era muito viciado em jogo de computador. Eu queria sair da escola só pra ir pra casa jogar. Só que agora eu jogo e estudo.*

Valentina: *4 vezes. Por desinteresse. Não foi na mesma série.*

E sua família?

Valentina: *Às vezes assim me sinto muito sem jeito, porque tenho primas minhas mais novas que tãõ na mesma série que eu, ou então já passou e assim todo mundo fica falando, ahhhh reprovada, ahhhh num sei que, aí isso me incomoda, às vezes também.*

Como eles se sentem ao reprovar mais de uma vez no mesmo ano?

Ronald: *normal.*

Melody: *professora, o começo assim que a pessoa reprova, lá na hora assim, a pessoa não tá nem aí, mas depois você vê as coisas, as consequências que deram isso, você começa refletir a sua vida. Começa a ver as coisas que você já perdeu por causa disso, e você começa a tentar correr atrás de consertar as coisas. Que eu acho que aquele gostar ali, é só no momento que você reprova, mais depois você acaba refletindo na sua vida e vendo que não é pra você né?*

Joselito: *Não professora. Reprova no ano passado e cai na mesma série, com as mesmas pessoas que reprovaram o ano passado, que foi o*

*motivo da reprovação, as más companhias, eu vou tá na mesma sala com essas pessoas.*

*Melody: Muitas pessoas são assim. Queee moço reprovei mais de quatro vezes, é como se tivesse saído da faculdade, todo conformado. Aí né você ver as consequências que te causaram, e aí você pensa... porque eu brinquei...*

*Kauan: A gente quando reprova a primeira vez, a não pensa no futuro e aí depois que a gente amadurece mais a gente pensa nas consequências.*

Qual a importância da escola para você?

*Valentina: Futuro*

*Belena: Futuro, para ter é..., terminar os estudos, para começar uma faculdade, ter um emprego bom, ter seu próprio futuro não ficar dependendo dos outros, nas costas dos outros.*

*Melody: Pra você aprender também, que você chega na escola e você começa aprender muitas coisas que você não sabia. Claro que ninguém nasceu aprendendo. Então daí você já começa aquele... ter mais aquele entendimento das coisas que você vai pegar pra você, vai passar por cada etapa que tiver: Classe, ensino fundamental, ensino médio e faculdade. Então eu acho que a escola ajuda bastante pro nosso futuro, pra gente ter um emprego bom, com boas condições financeiras, ser independente em primeiro lugar, e ser bem sucedido.*

Vocês pensam em continuarem estudando, como por exemplo, cursar uma faculdade?

*Todos: Com certeza*

Após o encontro, os alunos foram dispensados e a Melody permaneceu no local para uma conversa particular. Ela é muito inteligente, participativa e aparentemente alegre. Possui uma desenvoltura diante da turma que encanta a todos, não possui perfil de aluno de CDIS. Que geralmente são tímidos e inseguros.

Ela acha que muitas garotas desistem de estudar por algum motivo sério. Mas não tem coragem de contar a ninguém, nem pedir ajuda, porque geralmente são ameaçadas, ou se sentem constrangidas diante de situações de violência. E ela gostaria que sua história fosse contada para ajudar outras garotas. Relatou que fora abusada sexualmente pelo pai, que segundo ela, era a pessoa que mais gostava e que mais se identificava em todos os aspectos, até físicos. Mas a mãe não acredita nela, e continua vivendo com o marido. Por isso ela pediu ajuda aos avôs e foi morar com eles. E desde então ela luta para esquecer o que lhe acontecera, por meio de tratamentos psicológicos.



## **CAPÍTULO III**

### **ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Este capítulo tem como objetivo apresentar a análise dos dados e discussão dos resultados, a partir do diálogo com os alunos no grupo focal, entrevista semiestruturada e análise documental. Estas estratégias metodológicas foram muito acertadas, tendo em vista que oportunizou a participação direta dos alunos, na qual eles tinham o domínio das respostas para todas as perguntas, de serem ouvidos e de refletirem sobre eles mesmos e suas dificuldades.

Inicialmente, os alunos tiveram acesso ao filme 5X favela- agora por nós mesmos, foi a estratégia usada para abordar os alunos e discutirmos algumas questões ligadas ao percurso de vida escolar deles.

Para ficar mais claro a leitura do nosso estudo apresentamos os resultados a partir de três categorias: compreendendo e identificando-se com a história de Maycon; significado da escola na vida deles; a distorção idade/serie a culpa é minha.

#### **3.1. Compreendendo e identificando-se com a história de Maycon**

Ao fazer o primeiro questionamento: O que eles acharam da história do Mycon? Tivemos participações distintas. Alguns alunos falaram que é necessário se esforçar para vencerem barreiras e que isso era muito bom. Apesar de saberem das exigências da sociedade, na qual estão inseridos, continuam acomodados e o tempo passando por entre os dedos.

Outros se irritaram, porque o colega do Mycon achou que só porque ele vivia na favela era traficante, isso denota o preconceito sofrido por eles, por viver na periferia da cidade, locais em que os seus moradores são julgados não pelo que são e sim, pelo que têm. A sociedade faz dos jovens das periferias, pessoas vítimas do preconceito, que se tornam reféns, capazes de práticas ilícitas como a do filme para alcançar seus objetivos, mesmo sendo eticamente

incorreto. Embora as atitudes de Mycon confirmassem a teoria do colega.

E teve aqueles que acharam que uma situação dessas pode acontecer com todo mundo e que dependendo da situação ou da dificuldade fariam algo errado para resolver um problema ou uma dificuldade. Demonstrando uma visão de que os pequenos delitos são permitidos e normais. Não existe uma preocupação com a ética. O caderno de ética (2004, p. 17) diz que: *É tarefa de toda a sociedade fazer com que esses valores vivam e se desenvolvam. E, decorrentemente, é também tarefa da escola.* Essa visão dos alunos é uma alerta para difundir e reforçar esses valores nas escolas.

Esses alunos se encontram em processo de formação da identidade, segundo Schoen-Ferreira; Farias; Silvares (2003, p. 107), *a construção da identidade pessoal é considerada a tarefa mais importante da adolescência, o passo crucial da transformação do adolescente em adulto produtivo e maduro.* A instituição acadêmica é responsável pelo desenvolvimento do aprendizado, e a família pela formação ética, mas todos são responsáveis pela formação integral do aluno.

Ao questionar os alunos o que eles acharam do esforço que Mycon fez para estudar. Eles acharam legal, muito bom que ele não tenha aprofundado mais no mundo do tráfico, porque não é só pegar e vender. Remete a ideia de que existem outros problemas envolvidos no ato de pegar e vender drogas. Também acham que ele deveria ter trabalhado honestamente ou ter ficado em casa, e perdido aula. Mas aceita a ideia que foi para o bem do futuro do Mycon. Atribuindo sentido e importância aos estudos para o futuro.

Ao perguntar o que eles acharam das coisas erradas que o Mycon fez para estudar, os alunos ficaram calados, e disseram que não teriam uma resposta. Pois respostas para alguns questionamentos como estes ficam difíceis de serem pensadas até pelos adultos, quanto mais pelos adolescentes. O código de ética transcreve exatamente isso (2004, p.14). *Seria um erro pensar que, desde sempre, os seres humanos têm as mesmas respostas para questões desse tipo.* Daí Melody disse que *achava errado a pessoa roubar, vender as coisas da casa ou vender drogas.* E deu uma opção para Mycon, dizendo que ele deveria ter pedido dinheiro ao padrinho.

### 3.2. Significado da escola na vida deles

Ao serem questionados sobre o que mais eles gostavam na escola. Todos brincaram, e deram respostas evasivas, uns disseram que não gosta de nada, outros disseram que gostavam das brincadeiras, da bagunça, de pé de moça e de algumas disciplinas. Eu disse a eles que eu não queria saber desses gostos, mas sim da escola como instituição pedagógica. Então, eles resumiram em dizer que gostavam dos amigos e das atividades de sexta feira. As atividades de sexta feira a que eles se referem são: atividades interdisciplinares, dinâmicas que envolviam as três turmas de CDIS, como leitura e interpretação de texto com encenação, jogos pedagógicos, gincanas pedagógicas, bingo ortográfico, etc. Eu fiquei um pouco ressabiada em ver a dificuldade deles em encontrar alguma coisa na escola que eles gostassem. Eram falas que nos remetiam a ideia de que a escola não atrai e nem motiva esses alunos. Melody sugeriu uma forma de fazer a escola se tornar mais atrativa. Ela disse: *Podia ser igual eu falei para a senhora professora, fazer tipo um evento na escola onde todo mundo possa se conhecer, saber mais, tipo aquelas coisas mais unida*. Essa sugestão foi levada à equipe gestora.

Fiquei surpresa ao questionar o que eles não gostavam na escola, pois todos queriam falar. Essa pergunta causou uma movimentação na sala. Reclamaram que não subia mais aula, ou seja, a escola não permite aos professores que dê a aula antecipada, no caso de falta de algum professor. Em contrapartida os alunos seriam dispensados mais cedo. Também disseram que não gostavam de ir para a direção, e eu questionei porque os alunos vão para a direção? Eles assumiram que é porque fazem coisas erradas e cometem *buylling* contra os colegas. Esta prática de fazer coisas erradas e levar o aluno para a direção já está tão desgastada, que não surte mais efeito. Porque embora eles digam que não gostem de ir para a direção, não existe o temor ou a vergonha de serem chamados atenção e assinarem advertência ou até levarem sucessivas suspensões.

Ainda sobre a questão de ir para a direção, Belena fez um discurso: *tem alunos que vão para a direção professora, porque não tinha maturidade suficiente de assumir com seus atos. Porque tem muitas pessoas que faz*

*coisas erradas e não assume o que fez. Prejudica a turma toda né? Já tem outros que fala que fez, é advertido, a direção dá advertência, mais é para informar os pais, para fazer com que o filho dele, tipo, não sei como posso falar, informar os pais o que ta acontecendo.* Esse discurso todo era um desabafo, porque havia sumido alguns objetos dos colegas na sala, e como não ninguém assumiu que pegou, toda a turma estava sendo hostilizada. E essa situação causou um mal-estar nas relações entre colegas.

Eles reclamaram da professora que não os deixa chuparem chicletes, da outra que não entendiam nada do que ela escreve no quadro, e quando eles perguntam alguma coisa, ela se irrita, e também que não gostam de mapeamento. Tal atitude dos professores denota uma prática das escolas tradicionais. Que fundamentado no que diz Luckesi (1992, p.57). *Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula.* Alguns professores justificaram tal prática dizendo que é para evitar que os alunos socializem e produzam as conversas paralelas.

Em muitas escolas, inclusive nessa, é uma prática comum, uma tentativa de alguns professores para deterem o “controle” da turma, usarem métodos da pedagogia tradicional posto por Libâneo (1997, p. 65), que:

A didática tradicional tem resistido ao tempo, continua prevalecendo na prática escolar. É comum nas nossas escolas atribuir-se ao ensino a tarefa de mera transmissão de conhecimentos, sobrecarregar o aluno de conhecimentos que são decorados sem questionamento, dar somente exercícios repetitivos, impor externamente a disciplina e usar castigos. (p. 65).

Os alunos achavam que eles deveriam ter o direito de escolher a cadeira e o lugar que querem sentar durante as aulas. Até porque tem colegas que atrapalham mais no mapeamento que fora dele, e outros reclamam que possuem dificuldade para enxergar, e mesmo assim tem que sentar longe do quadro. Porque, se sentarem onde querem são advertidos por desrespeito ao professor.

### 3.3. A distorção idade/serie a culpa é minha

Em relação esta categoria quis saber, o que eles achavam que geravam suas reprovações? Quantos anos reprovaram na mesma série? Estas respostas eram as mais esperadas durante o grupo focal. A maioria ficou em silêncio, uns admitiram que eram faltas consecutivas, que tinham preguiça, desinteresse, não gostavam de estudar, viciado em jogos de computador, que conversavam muito e não faziam nada. Tal atitude se explica quando, Luckesi (1992) afirma que pode ser que quem fracassa é quem ensina ou é a instituição. No sentido de não trabalhar em prol do aluno. Não é comum a escola e nem os professores adotarem a prática consciente de fazer uma avaliação do seu trabalho. Mesmo que é previsto no calendário das secretarias datas específicas para avaliações institucionais. Apesar disso, em nenhum momento os alunos atribuíram suas reprovações a terceiros. Foram unânimes em afirmar que reprovaram por eles mesmos.

Vale destacar o que disse sobre suas Belena sobre suas reprovações consecutivas: foi falta de atenção mesmo, falta de esforço. Não esforçava; faltava; preguiça de vir para a escola; não gostava. Tinha vezes que eu ficava assim, ruim, porque acontecia alguma coisa assim em casa, eu pegava e não ia, ficava o dia todo no meu quarto. Como minha vó fala né, todas as pessoas que têm tudo o que quer não dá valor. Então, eu tinha tudo o que sempre queria e assim, não dava valor. Foi possível observar que eles se distanciavam da escola, reprovavam, mas tinham consciência de que vacilavam em algum momento. Analisando o depoimento de Belena e dos outros alunos inferimos que eles assumem os seus possíveis fracassos, isto é, não repassam para a escola, nem para a família.

Embora os alunos não transfiram a culpa das suas reprovações para outros, sabemos que o mundo de hoje exige dos professores e dos alunos outros saberes. Muitas vezes o aluno tem até razão por não ter interesse na escola, e pelas aulas ministradas por alguns colegas, que insistem em práticas pedagógicas pouco atrativas. É defendido por Libâneo (1990, p. 73), *estimular o interesse pelo estudo, mostrar a importância da escola para a melhoria das condições de vida, para a participação democrática na vida profissional, política*

e *cultural*. É tarefa do professor e das instituições, e está na hora destes começarem a aprender com os alunos, para que eles aprendam com o professor e com a instituição.

Todos os alunos reprovaram três anos ou mais, e segundo eles, as famílias faziam suas tentativas de falar com eles, mas não adiantava nada. Mas muitos admitiram que iam à escola no dia que queriam ir. Consoante com Libâneo (1994, p. 116), *o ambiente escolar pode exercer, também, um efeito estimulador para o estudo ativo dos alunos*. Provavelmente, a escola e a família não cumpriram o papel de acompanhar, educar, estimular e formar esses alunos integralmente para a sociedade. Os pais e/ou responsáveis dos alunos em defasagem não se interessam pela vida escolar de seus filhos. Portanto há uma probabilidade maior de diminuir a participação de seus filhos nas atividades propostas pelos professores e pela instituição escolar. A participação dos pais e/ou responsáveis na vida escolar de seus filhos estimula-os e facilita a comunicação entre a escola e a família no intuito de fortalecer os vínculos necessários para a aprendizagem.

Por outro lado, ainda é prática nas escolas, a realização de avaliações baseadas na meritocracia, e conteúdos longe da realidade vivida pelos alunos, principalmente, nos anos finais. O que conseqüentemente causa a desmotivação, e o desinteresse dos alunos pela escola. Poucos professores avaliam seus alunos pelo desenvolvimento e participação, como deveria ser. O que causa o desânimo, e a falta de interesse pela escola.

Na fala dos alunos eles têm clareza que atitudes podem facilitar vencer na vida, no entanto, eles são incoerentes na hora de colocá-las em prática, principalmente no que diz respeito ao estudo e ao trabalho. A sociedade exige desses adolescentes o que ela mesma não lhes proporcionam, fazendo com que alguns deles, principalmente os que não têm uma formação ética concreta, regada e alimentada no seio familiar, acabem cedendo às pressões das suas necessidades, fazendo como o Mycon. Já outros como foi percebido nos depoimentos, não dão valor ao que possuem, deixando o comodismo tomar conta e acumulando tantas reprovações.

A partir desses depoimentos, questioneei sobre a importância da escola para eles? Valentina, Belena e Melody responderam com muita confiança: futuro. Melody acrescentou ainda (...) *então, eu acho que a escola ajuda bastante para o nosso futuro. Pra gente ter um emprego bom, com boas condições financeiras, ser independente em primeiro lugar, e ser bem sucedido.* Apesar das inúmeras reprovações, eles ainda vêem a escola como a condição primordial para mudança de vida e ascensão social. Portanto, Libâneo (1997, p. 130) revela, *assim, o estreito vínculo entre o sujeito do conhecimento (o aluno) e a sua prática social de vida (ou seja, as condições sociais de vida e de trabalho, o cotidiano, as práticas culturais, linguagem etc.).* Eles parecem querer aliar a escola com a prática social, mas ainda é pouca a maturidade e consciência, para perceberem que estudar é o caminho para mudar a realidade da vida deles.

Na tentativa de confirmar esta hipótese, em relação aos estudos, perguntei se eles pensam em continuar os estudos, cursar uma faculdade? Eles foram unânimes em responder “com certeza”. Esta força com que eles responderam, confirmaram que realmente estão arrependidos de terem perdido tempo com as reprovações sucessivas e desnecessárias. E que eles vêem a educação como mediadora da transformação social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo não tem a pretensão de resolver o problema da distorção idade/série nas escolas públicas do Distrito Federal, mas contribuir com ações pedagógicas adequadas a esse público para que supere este quadro.

Com base nos instrumentos da pesquisa foi possível inferir que o contexto socioeconômico dos alunos participantes da pesquisa é de baixa renda e nível sociocultural precário. Estes estão inseridos em uma comunidade, onde lhes é negado por parte da administração pública, coisas básicas como infraestrutura, escola, saúde, lazer e trabalho. Os alunos precisam sair da comunidade Sol Nascente para estudarem no P. Sul. Para buscarem atendimento médico na UPA na Ceilândia – Norte ou no HRC, que na maioria das vezes não têm médicos. Os pais precisam sair para trabalhar em outras regiões administrativas, como Taguatinga, Plano Piloto etc. Deixando seus filhos sozinhos, pois a comunidade não conta com creches e nem escolas de tempo integral. O que facilita o afastamento do aluno com a escola, pois na maioria dos casos eles mesmos decidem se vão à escola ou não. Se estiverem com preguiça não vão.

Embora os alunos admitam terem muita preguiça de ir à escola, o que nos mostra que a escola não os atrai nem os motiva. Eles têm consciência de que a escola é de suma importância para o futuro deles. Todos manifestam o desejo de cursar uma faculdade, com o intuito de trabalhar e serem bem-sucedidos na vida.

A sugestão dada por eles mesmos de que seria legal a escola promover eventos com a escola toda, para que a escola tornasse mais atrativa, não se confirmou. Pois no mês de julho a escola realizou os jogos interclasses e para que houvesse a efetiva participação dos alunos, a escola fez uma consulta, para saber qual seria o melhor horário para que os alunos da CDIS participassem. Eles escolheram o turno vespertino, porque estuda os alunos dos oitavos e nonos anos. Estes possuem a mesma faixa etária deles. Mas esta fala eu diria que é contraditória, pois a escola promoveu o evento, e



menos de um terço dos alunos compareceram à escola nos dias que se realizaram os jogos e brincadeiras.

Tomando como base os relatos dos alunos, é possível chegar ao entendimento de que as práticas pedagógicas são por meio da pedagogia tradicional. O que revela que as práticas pedagógicas da escola não são compatíveis, com as orientações pedagógicas para correção de distorção idade série. Pois a mesma visa uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar em uma perspectiva de concepção teórica crítica, ancoradas nas pedagogias histórico-críticas e pós- críticas.

As ações pedagógicas, como reagrupamento, acompanhamento individual, trabalho em equipe, coordenação específica. Nenhuma dessas ações são cumpridas nessa escola. Alguns professores até tentam, mas a maioria não se sente obrigada a cumprir as orientações, e dizem não gostar do trabalho coletivo e da abordagem interdisciplinar.

Diversos são os elementos que atrapalham a interação entre escola e aprendizagem dos alunos: falta a efetiva participação da família no desenvolvimento educacional; alunos desmotivados, sem compromisso com a educação; salas inadequadas e insalubres que inviabilizam uma melhor atuação dos Professores e Coordenadores; desrespeito; violência e inversão de valores. O aluno escolhe o dia que deve ir à escola; falta de motivação para os exercícios em sala e atividades para realizar em casa; falta de disposição dos alunos quanto à organização do tempo dos materiais escolares.

É de fundamental importância cumprir as orientações, pois estes alunos precisam de uma abordagem em uma perspectiva da aprendizagem significativa, em uma dimensão política, que é tão importante quanto aos conteúdos que eles estão cansados de ver quando repetiram de série no ensino regular. É primordial que haja novos saberes que os atraiam a escola e os motive a estudar efetivamente.

Uma das alternativas encontradas para fazer uma intervenção junto a essas turmas, é seguir o que diz as orientações pedagógicas, que é por meio da interdisciplinaridade que consiste em modificar as práticas pedagógicas, no

sentido de ampliar o leque de aprendizagem dos discentes. A partir de aulas interdisciplinares, os alunos passam a ter outras leituras de mundo, e o seu mundo não se restringe em conhecer apenas o que as disciplinas separadas podem lhes oferecer isoladamente. O trabalho interdisciplinar facilita a abordagem de alguns temas, que seriam difíceis serem tratados por apenas uma disciplina ou um só professor.

O trabalho interdisciplinar transmite segurança aos alunos. Eles percebem que os professores estão unidos e falam a mesma língua. Embora cada um, explore uma abordagem diferenciada do mesmo assunto, todos se entendem, e ampliam-se a visão de mundo dos alunos. Confrontando a bagagem que os alunos já possuem com conhecimentos e descobertas que transformam mentes e sociedade.

Infelizmente ainda temos muitos professores que enfrentam uma resistência para aceitarem o fazer pedagógico interdisciplinar. Não se sabe se é medo de aumentar o trabalho ou de enfrentar o novo. Muitos deles preferem utilizar aquele velho caderno de plano de aulas que já está amarelado de tanto usar. Aquele que o acompanha todos os anos, desde que acabou o curso de magistério na escola normal. Entende-se que a secretaria de educação criou um programa, mas não criou regras para implementá-lo, como escolher professores que tem perfil para o trabalho interdisciplinar.

Mesmo diante de todo este cenário, em nenhum momento os discentes atribuíram à culpa dos seus fracassos, a família ou escola. Eles assumem que brincaram, não se esforçaram, foram desmotivados e tiveram falta de interesse pelos estudos e pela escola.

Espera-se o prosseguimento desta pesquisa em estudos posteriores, para acompanhar a defasagem dos alunos nas escolas públicas do Distrito Federal.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria do Rosário do Nascimento Ribeiro. Educação ambiental nas aulas de língua portuguesa: gêneros textuais em uma abordagem interdisciplinar. 2013. XIV. 259 f., il. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ARAUJO, Yesmin Correia Dias de. Uma adolescente, um diagnóstico de deficiência intelectual e a resolução de problemas matemáticos: histórias de exclusão e possibilidades de superação. 2013. 186 p. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

BRASIL. Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Ministério da Educação: SEB, SETEC, SEED, vol 06, 2003.

BRASIL, Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística (IBGE), 2015. Disponível [www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/) 2015.

Dayrell, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Vol 24, set-dez, 2004.

DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Educação. Currículo em Movimentação da Educação Básica (Anos Finais), Brasília: SEEDF, 2014.

DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Educação. **Orientações Pedagógicas para Correção de Distorção Idade/Série** (CDIS) Brasília: SEEDF, 2012.

DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Educação. Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Fundamental18(Anos Finais), Ceilandia: SEEDF, 2014-2015.

FAVELA, 5X – Agora por nós mesmos. Direção: Cacau Amaral, Cadu Barcelos, Luciana Bezerra, Luciano Vidigal, Manaira Carneiro, Rodrigo Felha e Wagner Novais, 5 episódios, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. (Orgs.) Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi. São Paulo: Atlas, 1985.

SCHOEN-FERREIRA, T. H. , FARIAS, M. A., SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Revista Estudos de Psicologia**, 8 (1), p. 107-111, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos, **Didática**. São Paulo: Cortez, 1997.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

NOVA ESCOLA, Brasília, cidade de Todos nós, 2015. Disponível <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/projeto-brasilia-cidade-planejada-528737.shtml>

NÓVOA, A. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000.

PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil, repercussões no campo educacional**. 2010. 295p. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

RESSEL, Lúcia B.; BECK, Carmem L. C., GUALDA, Dulce M. R.; HOFFMANN, Izabel C., SILVA, Rosângela Marion, SEHNEM, Graciela D. Sehnem. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 779-86.

SCHOEN-FERREIRA, T. H. , FARIAS, M. A., SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Revista Estudos de Psicologia**, 8 (1), p. 107-111, 2003.

VEIGA, I.P.A.; FONSECA, M. (Org.). **Dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola**. Campinas: Papyrus, 2001.

## **Sites consultados:**

[www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/)

[\*\*www.brasilecola.com/\*\*](http://www.brasilecola.com/)

[\*\*https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/\*\*](https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/)

[\*\*http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/21.pdf\*\*](http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/21.pdf)

## Apêndice “A”

### Roteiro de perguntas para o grupo focal

- 1- Com quem você mora?
- 2- Mora em casa própria, alugada ou cedida?
- 3- Você trabalha?
- 4- Contribui com as despesas da casa?
- 5- Quem arca com a maioria das despesas da casa?
- 6- Qual a profissão dele (a)?
- 7- Juntando todos os salários da casa, em média qual é a renda da família?
- 8- Com que idade você começou estudar?
- 9- Reprovou alguma vez nas séries iniciais?
- 10- Teve ou tem algum problema na escola?
- 11- O que mais você gosta na escola?
- 12- O que você menos gosta na escola?
- 13- Quantas vezes você reprovou na mesma série?
- 14- O que você acha que gerou as reprovações?
- 15- Como você se sente ao reprovar mais uma vez na mesma série?
- 16- O que você gostaria que fosse diferente na escola?
- 17- Qual a importância da escola em sua vida?
- 18- Você já pensou em entrar para uma faculdade?
- 19- O que você acha do esforço que o Maycon fez para estudar?
- 20- E o que você acha das coisas erradas que ele fez?

## Apêndice “B”

### Roteiro de entrevista individual

#### I – Identificação

Nome: \_\_\_\_\_

1. Com quem você mora? \_\_\_\_\_
2. Mora em casa própria, cedida ou alugada \_\_\_\_\_
3. Você trabalha? \_\_\_\_\_
4. Contribui com as despesas da casa? \_\_\_\_\_
5. Quem arca com a maioria das despesas em sua casa? \_\_\_\_\_
6. Qual a profissão dele (a) ou deles (as)? \_\_\_\_\_
7. Juntando todos os salários da casa, em média qual é a renda da família? \_\_\_\_\_
8. Com que idade você começou estudar? \_\_\_\_\_
9. Reprovou alguma vez nos anos iniciais? \_\_\_\_\_
10. Caso tenha reprovado, quantas vezes? \_\_\_\_\_
11. Teve ou tem algum problema na escola? \_\_\_\_\_
12. Você gostaria de falar mais alguma coisa que eu não perguntei? \_\_\_\_\_